



TEATRO DO OPRIMIDO NA ESCOLA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DO JOGO TEATRAL DE AUGUSTO BOAL EM SALA DE AULA

THEATER OF THE OPPRESSED IN SCHOOL: AN INVESTIGATION INTO THE EXPERIENCE OF AUGUSTO BOAL'S THEATRICAL GAMES IN THE CLASSROOM

PIRES, Jorge André Lopes¹

URCA – Universidade Regional do Cariri

Resumo: Esta pesquisa investiga a aplicação das metodologias de Augusto Boal, especificamente o Teatro do Oprimido, em aulas de Arte/teatro em uma escola municipal de Juazeiro do Norte, Ceará. O trabalho buscou analisar como as práticas teatrais podem ser utilizadas para promover a consciência crítica, a empatia e a inclusão social entre os participantes. A metodologia utilizada, baseada na Cartografia como mapeamento de processos, envolveu a adaptação de jogos teatrais para a realidade local, com o objetivo de promover a participação ativa dos estudantes. Por meio da análise de atividades práticas e teóricas, incluindo registros em diários de bordo e rodas de conversa, a pesquisa busca compreender o impacto dessas abordagens na formação de indivíduos mais críticos e participativos, articulando a ideia de "experiência" de John Dewey com as práticas boalianas. Os resultados preliminares indicam que o teatro pode ser uma ferramenta de empoderamento social e um elemento transformador no currículo escolar, fomentando uma educação mais dialógica e humanizadora.

Palavras-chave: ensino de arte; jogos teatrais; teatro do oprimido; experiência.

Abstract: This research investigates the application of Augusto Boal's methodologies, specifically the Theater of the Oppressed, in Art/theater classes at a municipal school in Juazeiro do Norte, Ceará. The work aimed to analyze how theatrical practices can be used to promote critical awareness, empathy, and social inclusion among participants. The methodology, based on Cartography as a process mapping, involved adapting theatrical games to the local reality, with the objective of promoting active student participation. Through the analysis of practical and theoretical activities, including entries in logbooks and conversation circles, the research seeks to understand the impact of these approaches on the formation of more critical and participative individuals, articulating John Dewey's idea of "experience" with Boal's practices. Preliminary results indicate that theater can be a tool for social empowerment and a transformative element in the school curriculum, fostering a more dialogical and humanizing education.

Keywords: art teaching; theatrical games; theater of the oppressed; experience.

¹ Graduado em Licenciatura em Teatro pelo IFCE (Instituto Federal do Ceará), 2019; Especialista em História do Teatro Brasileiro e Ocidental pela CAL-RJ (Centro de Artes das Laranjeiras), 2022; Mestrando em Ensino de Artes pela URCA (Universidade Regional do Cariri - ProfArtes); Professor Efetivo de Educação Básica do Município de Juazeiro do Norte – Ceará, desde 2021; E-mail: jorgeandrel@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Esta investigação não se inicia na minha entrada na pós graduação, nem quando iniciei meus estudos acadêmicos no curso de Licenciatura em Teatro, no ano de 2013, em Fortaleza, cidade na qual nasci e vivi durante os meus trinta primeiros anos de vida, mas no momento em que entrei em uma sala de aula pela primeira vez para mediar assuntos relacionados ao ensino de Arte, inicialmente como educador de museu de arte, nos anos de 2012 a 2014, no MCC – Museu da Cultura Cearense, localizado em Fortaleza, logo após, em escolas de educação básica, dentro ou não das aulas do componente curricular Arte.

Lembro-me da experiência, este estudo também irá tratar da experiência desafiadora que foi, e ainda é, dar aula de Arte pela primeira vez: o que falar nas aulas de Arte? Como conversar sobre Arte na sala de aula? Sobre o que falar? Os estudantes poderão criar suas artes dentro do componente curricular Arte na escola? Haverá materiais disponíveis? Haverá tempo suficiente para criar? Quais suportes eu, como mediador deste conteúdo, poderei oferecer aos meus estudantes para que os mesmos consigam se expressar por meio da arte? Quais suportes eu terei para poder ministrar minhas aulas de maneira efetiva e dinâmica? Todas são questões para as quais ainda procuro respostas, mesmo oito anos após ministrar minha primeira aula de Arte na escola.

Esta não é uma investigação exclusiva, muitos já se questionaram e ainda questionarão tais processos e seus métodos. Não tenho a pretensão, com esta investigação, de responder a todos os meus questionamentos anteriores, mas instigar o pensamento em relação ao processo de ensino-aprendizagem em Arte na escola de educação básica na minha cidade. Pois quando pensamos no ensino de arte uma coisa se torna bastante evidente logo de início: o Brasil é um país imenso e, consequentemente, suas culturas também são diversas. Então, outra questão se levanta: quais artistas de minha cidade e suas artes estamos abordando em sala de aula, nas aulas do componente curricular Arte?



O ensino de Arte no Brasil passou por uma transformação significativa, evoluindo de uma abordagem técnica e restrita para uma visão mais ampla e inclusiva. O teatro, em particular, ganhou destaque como linguagem artística essencial a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2016. Historicamente, o teatro no Brasil era visto principalmente como uma ferramenta de catequese ou entretenimento para a elite, sem um sistema formal de ensino nas escolas. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei nº 9.394/96), a Arte passou a ser entendida como uma área do conhecimento, e o teatro, a dança, a música e as artes visuais começaram a ser reconhecidas como linguagens essenciais para a formação do estudante.

Desde o início dos meus estudos na arte da atuação me foi apresentado o jogo teatral como meio de iniciar um processo de ensino-aprendizagem em teatro, inicialmente em cursos livres de teatro, desde a minha primeira experiência com esta área do conhecimento, em 2012. No entanto, foi apenas como bolsista do PIBID-teatro, já cursando a Licenciatura em Teatro, pelo IF – Instituto Federal, campus Fortaleza, entre os anos de 2014 e 2016, que me veio a ideia de adaptar os jogos feitos em cursos livres, com pessoas que estão procurando uma formação em teatro, para a sala de aula do ensino básico brasileiro, anos finais, com estudantes que sequer ouviram falar do jogo em sala de aula, muito menos se for algo teatral.

O jogo teatral como possibilidade de aprendizagem em teatro é apenas um meio, entre tantos, de ensino de teatro, seja ele ou não em sala de aula, em uma escola de educação básica ou em cursos livres de teatro. Por meio do jogo teatral o estudante pode desenvolver habilidades socioemocionais. Ou seja, os jogos teatrais facilitam o autoconhecimento, a expressão de emoções e a empatia, pois os estudantes conseguem se colocar no lugar do outro ao interpretar personagens. A prática dos jogos teatrais pode ajudar a reduzir a timidez, pois coloca o estudante em uma zona em que precisará acionar ações para tentar resolver os problemas propostos pelo jogo, como também fortalecem a autoestima, já que os estudantes poderão experimentar sensações de protagonismo e realização pessoal.

Viola Spolin destaca que os jogos teatrais ampliam a intuição e a capacidade de responder a situações inesperadas:



O intuitivo só pode responder no imediato – no aqui e agora. Ele gera suas dádivas no momento da espontaneidade, no momento quando estamos livres para atuar e inter-relacionar, envolvendo-nos com o mundo à nossa volta que está em constante transformação (Spolin, 2010, p. 4).

Atividades de caráter lúdico e improvisacionais permitem que o estudante possa explorar narrativas, ressignificar objetos e situações que desenvolvam soluções criativas para problemas propostos pelo jogo, ou seja, o estudante terá que pensar em uma solução, ou ação, para conseguir “solucionar” ou “resolver” o problema proposto ou ação proposta.

Por ser uma atividade coletiva, o jogo teatral exige cooperação, negociação e respeito mútuo, o que favorece a interação social e reduz conflitos:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer – é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las (Spolin, 2010, p.4).

Estudantes relatam que conseguem trabalhar melhor em grupo, mesmo em outras disciplinas. Estudantes destacam que as aulas de teatro na escola quebram a rotina da sala de aula tradicional, tornando o aprendizado mais significativo. No entanto, tenho a preocupação de dissociar a aula de arte como uma pausa nas aulas ou uma aula para descansar ou brincar.

Os jogos teatrais trabalham a expressão corporal, a dicção e a projeção vocal, elementos fundamentais para uma comunicação eficaz. A prática dissolve bloqueios corporais e amplia a presença cênica, mas também aplicáveis em contextos extra-escolares:

Todas as partes do indivíduo funcionam juntas como uma unidade de trabalho, como um pequeno todo orgânico dentro de um todo orgânico maior que é a estrutura do jogo. Dessa experiência integrada, surge o indivíduo total dentro do ambiente total, e aparece o apoio e a confiança que permite ao indivíduo abrir-se e desenvolver qualquer habilidade necessária para a comunicação dentro do jogo (Spolin, 2010, pp.5-6).



Nesse contexto, a obra de Augusto Boal e seu Teatro do Oprimido se destacam por propor o teatro como uma poderosa ferramenta de transformação social e conscientização crítica. Boal buscava integrar o espectador como um participante ativo, capaz de refletir sobre suas condições de vida e transformar sua realidade. Assim, esta pesquisa se propõe a investigar a aplicação de suas metodologias nas aulas de teatro, buscando entender como essas práticas podem promover a consciência crítica e a inclusão social.

A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial. Sobre o palco, atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana, a toda hora e em todo lugar. Os atores falam, andam, exprimem ideias e revelam paixões, exatamente como todos nós em nossas vidas no corriqueiro dia a dia. A única diferença entre nós e eles consiste em que os atores são conscientes de estar usando essa linguagem, tornando-se, com isso, mais aptos a utilizá-la. Os não-atores, ao contrário, ignoram estar fazendo teatro, falando teatro, isto é, usando a linguagem teatral (Boal, 2008, p. ix).

A pesquisa também explora a relevância da docência e a sua relação com o conceito de experiência, a partir das perspectivas teóricas de John Dewey. Para Dewey, a experiência é um processo contínuo e participativo de interação entre o ser humano e o ambiente, fundamental para o aprendizado e o desenvolvimento humano. O objetivo geral do trabalho é desenvolver uma proposta adaptada de jogos teatrais do Teatro do Oprimido para aulas práticas de Arte/teatro no 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal de Juazeiro do Norte, Ceará. Os objetivos específicos incluem: desenvolver estratégias de aplicação adaptadas à realidade da comunidade local; promover a participação ativa dos estudantes; articular a teoria e a prática teatral com a ideia de "experiência" de John Dewey; e analisar os impactos das práticas teatrais na formação crítica e sensível dos estudantes.

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. Muitas vezes, porém, a experiência vivida é incipiente. As coisas são experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular. Há distração e dispersão; o que observamos e o que pensamos, o que desejamos e o que obtemos, discordam entre si. Pomos as mãos no arado e viramos para trás; começamos e paramos



não porque a experiência tenha atingido o fim em nome do qual foi iniciada, mas por causa de interrupções externas ou da letargia interna. (Dewey, 2010, pp. 109).

Nesse contexto, a obra de Augusto Boal e seu Teatro do Oprimido se destacam por propor o teatro como uma poderosa ferramenta de transformação social e conscientização crítica. Boal buscava integrar o espectador como um participante ativo, capaz de refletir sobre suas condições de vida e transformar sua realidade. O Teatro do Oprimido, como método, transcende a função puramente estética e se configura como uma proposta de engajamento político e social. A prática teatral, sob a ótica de Boal, torna-se um laboratório de ações e reflexões para a vida em sociedade, onde o "espect-ator" é o protagonista da sua própria história.

A atividade será realizada em sala de aula com a turma do oitavo ano C da E.E.F. Mário da Silva Bem, localizada no bairro Frei Damião, na cidade de Juazeiro do Norte, no interior do Ceará. Nesta turma, na qual irei aplicar a minha investigação, estão matriculados(as) 35 estudantes, entre 12 e 14 anos de idade, porém, fazendo um levantamento da frequência desta turma nos últimos dois meses, agosto e setembro, a turma teve uma presença entre 28 e 31 estudantes presentes. A atividade será aplicada durante a aula do componente curricular Arte, no bimestre letivo que geralmente trabalhamos e pesquisamos a linguagem artística teatro.

Primeiramente, irei apresentar a atividade aos(às) estudantes. A atividade inicial para introduzir o Teatro do Oprimido na aula de Arte na escola consiste em identificar personas da nossa sociedade, de forma genérica, e, dentro das opções apresentadas, cada estudante irá salvar apenas três dessas personas.

Além de salvar as personagens eles(as) irão apresentar o motivo de suas escolhas, a qual irei mediar este debate. Esta atividade tem como objetivo principal analisar como a dinâmica do Teatro do Oprimido pode revelar e fazer estudantes refletirem sobre hierarquias e preconceitos sociais velados. O núcleo desta proposta de atividade dialoga diretamente com a essência do trabalho de Augusto Boal no T.O. Boal (2008) propunha que o público deixasse de ser passivo e interferisse ativamente na ação dramática, tornando-se "especta-ator":



Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os autores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar...até mesmo dentro dos teatros (Boal, 2008, p. ix).

Nesta atividade, os(as) estudantes serão especta-atores desde o início, pois, não só a decisão final será deles(as), mas pelo fato de eles(as) estarem à frente do debate pelo qual as personas serão escolhidas e suas decisões serão expostas e discutidas. O principal material desta investigação está neste momento, no qual as escolhas serão apresentadas e justificadas pelo(a) estudante.

Esta atividade funciona como um “Jogo-Fórum”, baseado na técnica do T.O., conhecida como Teatro-Fórum, na qual uma peça curta apresenta um cenário de opressão e termina de forma insatisfatória, de alguma forma, pois alguma das personas escolhidas pelos(as) estudantes não serão escolhidas, ou salvas. No Teatro-Fórum, o público é então convidado a subir ao palco, substituir o protagonista e ensaiar alternativas para o problema proposto pela ação dramática.

Na atividade, a situação é o fim do mundo, e a intervenção do público será a escolha de quem salvar. Inspirado por Paulo Freire, Boal via o teatro como uma ferramenta de diálogo para promover a transformação social, dando voz aos oprimidos, logo,

o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele (Boal, 2008, p. xi.).

A atividade força uma discussão que provavelmente revelará preconceitos, hierarquias sociais e conflitos de valor, criando um campo fértil para o debate e a conscientização por parte do “especta-ator”, ou o(a) estudante.

2 DESENVOLVIMENTO

A atividade inicial para introduzir o Teatro do Oprimido na aula de Arte na escola consiste em identificar personas da nossa sociedade, de forma genérica, e, dentro



das opções apresentadas, cada estudante irá salvar apenas três dessas personas, que virarão personagens nas próximas aulas sobre o tema.

Além de salvar as personagens eles(as) irão apresentar o motivo de suas escolhas, a qual irei mediar este debate. Esta atividade tem como objetivo principal analisar como a dinâmica do Teatro do Oprimido pode revelar e fazer estudantes reflitam sobre hierarquias e preconceitos sociais velados.

A observação e os registros são realizados por meio de anotações dos estudantes em um Diário de Bordo, onde eles registram suas percepções e reflexões após os exercícios e jogos. Além disso, rodas de conversa são realizadas ao final de cada atividade para que os estudantes compartilhem suas impressões, sentimentos e reflexões. O objetivo é criar um ambiente seguro para a expressão, promovendo a educação dialógica e humanizadora.

2.1 O ENSINO DE ARTE/TEATRO E OS JOGOS DO TEATRO DO OPRIMIDO

O teatro, como prática pedagógica, tem um potencial transformador no ambiente escolar, pois, além de desenvolver a criatividade e a expressão, contribui para a construção do senso crítico e habilidades socioemocionais. A abordagem de Boal vai além da performance estética, utilizando o teatro como uma ferramenta de transformação social, na qual o espectador se torna um "espect-ator". O Teatro do Oprimido propõe uma série de jogos e técnicas, como o Teatro Fórum e o Teatro Imagem, que são utilizados para encorajar a participação ativa e a reflexão crítica sobre a realidade social.

A metodologia desta pesquisa se baseia na literatura sobre o ensino de arte no Brasil, com especial atenção às obras de Augusto Boal e ao conceito de experiência de John Dewey. A investigação se baseia na experiência do pesquisador como professor da turma desde o 6º ano, o que permitiu identificar o perfil socioeconômico e social dos estudantes. Este conhecimento prévio da turma foi fundamental para a adaptação das técnicas de Boal à realidade local, garantindo que os jogos teatrais fossem relevantes e significativos para os alunos.



O plano de aula, elaborado a partir da análise de um questionário e da observação inicial, integra os princípios do Teatro do Oprimido. As atividades incluem: Teatro Imagem, onde os estudantes criam imagens corporais que representam situações de opressão; e Cenas de Opressão, onde eles encenam e discutem realidades que vivenciam, buscando soluções coletivas para os problemas apresentados. O objetivo é enfatizar a participação ativa e a experiência proposta por Dewey, fazendo com que o teatro se torne um espaço de diálogo e empoderamento.

2.2 A EXPERIÊNCIA EM JOHN DEWEY E A CARTOGRAFIA COMO METODOLOGIA

A pesquisa adota a Cartografia como metodologia de mapeamento de processos, que a entende não como uma representação estática, mas como um acompanhamento dinâmico do processo de criação e transformação. A Cartografia, nesse sentido, se alinha perfeitamente com a ideia de "experiência" de John Dewey, que não é um estado final, mas um fluxo contínuo de interação. O

eixo investigativo tenta problematizar as perspectivas paradigmáticas do ensino do teatro a partir das condições históricas de produção do Teatro como um campo de conhecimento, tencionado nas relações entre o saber científico e o saber escolar. Assim sendo, o Teatro como um campo de conhecimento representa um terreno epistemologicamente conflitado, no qual diferentes teorias, tendências e práticas lutam pelo modo como a realidade teatral deve ser produzida, reproduzida, significada e, sobretudo, interpretada (Telles, Florentino, 2009, p 9).

A pesquisa cartográfica permite registrar e analisar as mudanças e os desdobramentos que ocorrem durante as aulas de teatro, capturando a complexidade das interações e as singularidades das experiências vividas pelos estudantes.

O objetivo aqui elaborado é o de refletir sobre o problema do conhecimento teatral a partir do pressuposto de que o conhecimento do teatro não tem sido examinado sempre do mesmo modo, pois existem diferentes padrões de análise que orientam o modo de compreensão dos estudos investigativos sobre o teatro. Defende-se o pressuposto de que o problema não se situa na diversidade de paradigmas, mas na possibilidade de estabelecer critérios



homogêneos de análise a respeito do conhecimento teatral (Telles, Florentino, 2009, p. 9).

A observação e os registros são realizados por meio de anotações dos estudantes em um Diário de Bordo, onde eles registram suas percepções e reflexões após os exercícios e jogos. Além disso, rodas de conversa são realizadas ao final de cada atividade para que os estudantes compartilhem suas impressões, sentimentos e reflexões. O Diário de Bordo e as rodas de conversa são as principais ferramentas da cartografia desta pesquisa, pois permitem que a voz dos estudantes seja ouvida e que a "experiência" seja registrada em sua plenitude.

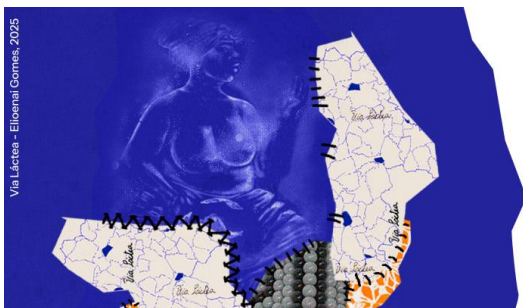
A perspectiva teatral, muitas vezes, não se encontra explicitada no exercício da investigação e, contraditoriamente, dela depende o sentido do que é afirmado e negado sobre o teatro. Talvez, por isso, cada concepção redefine o campo do conhecimento do teatro, produz novos valores e reformula os já existentes (Telles, Florentino, 2009, p. 11).

O objetivo é criar um ambiente seguro para a expressão, promovendo a educação dialógica e humanizadora, onde o conhecimento não é simplesmente transmitido, mas construído coletivamente. Ao utilizar a Cartografia, a pesquisa se distancia de uma abordagem meramente descritiva e se aproxima de uma análise processual, que valoriza a trajetória e os encontros que acontecem no ambiente escolar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa será desenvolvida em estrita conformidade com os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, e a Resolução CNS Nº 510/2016, que trata das especificidades éticas das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

A investigação será feita com estudantes do 8º ano C, de 12 a 14 anos, do ensino fundamental II, de uma escola pública municipal de Juazeiro do Norte, no Ceará. Reforçamos o compromisso de assegurar a integridade ética e o bem-estar



dos(as) estudantes coletando os consentimentos e realizando um tratamento respeitoso dos temas abordados.

O projeto de pesquisa, ao investigar a aplicação do Teatro do Oprimido em sala de aula, visa contribuir para a discussão sobre o ensino de teatro como uma ferramenta de empoderamento social. O estudo justifica-se pela necessidade de identificar estratégias pedagógicas para implementar a metodologia de Boal na educação formal, bem como os desafios e as possibilidades desse processo.

A pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas mais participativas, críticas e inclusivas, fortalecendo a formação dos estudantes como cidadãos ativos. Ao investigar a prática docente com as ideias de Boal, será possível entender como o teatro pode ser um elemento transformador no currículo escolar e como pode fomentar uma educação mais dialógica e democrática. Espera-se que este estudo também seja relevante para a formação continuada de professores de Arte, fornecendo subsídios para práticas mais reflexivas e críticas e valorizando o teatro como uma prática educativa engajada.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. *O teatro do oprimido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Lúcia T. A. T. da Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TELLES, G. F.; FLORENTINO, W. M. *Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: UDUFU, 2009.